Hermínia

Evan do Carmo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carmo, Evan do
Hermínia / Evan do Carmo. -- Brasília, DF : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-19492-9

1. Romance brasileiro I. Título.

24-233959 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira
B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

"O medo é o pai da moralidade"

Nietzsche

Prefácio

Em uma era onde a superficialidade frequentemente reina, onde as interações se tornaram transações e o amor parece uma mercadoria, convido você a embarcar em uma jornada literária que desafia essas convenções, mergulhando nas profundezas da alma humana. "Hermínia" não é apenas um romance; é um espelho da condição humana, um convite à reflexão sobre a complexidade das relações, a fragilidade da vida e a resiliência do amor.

Este livro é um espaço onde as emoções são vivas e pulsantes, onde o riso e a dor coexistem, onde cada página carrega a intensidade das experiências que todos nós vivemos, mas muitas vezes evitamos explorar. As vidas de Ícaro, Hermínia e Clara entrelaçam-se em um triângulo amoroso que transcende o mero desejo físico; é uma meditação sobre a essência do amor em suas múltiplas facetas — a paixão, a traição, a perda e, acima de tudo, a busca incessante por conexão e significado.

À medida que você se aventura por este texto, será levado a refletir sobre suas próprias escolhas, suas

próprias relações. Aqui, não há vilões ou mocinhos claros, apenas pessoas lutando para entender a si mesmas e aos outros, em um mundo que, muitas vezes, parece não fazer sentido. A história se desdobra com uma sinceridade que não teme a vulnerabilidade; em cada diálogo, em cada momento íntimo, você sentirá o peso da verdade, a beleza do desejo e o ardor da saudade.

Mas "Hermínia" é mais do que um simples relato de amor e dor; é uma exploração poética da sexualidade, da ambiguidade do desejo e da fragilidade do ser. Este livro se desenrola como um tecido rico em nuances, onde a sensualidade é entrelaçada com a mais pura expressão da alma. O que significa amar? O que significa desejar? Essas perguntas reverberam nas páginas, como um eco distante que convida à introspecção.

Através da jornada de Clara, você testemunhará a batalha interna de uma mulher em busca de sua identidade, de sua autonomia e do amor que a libertará, mesmo que isso signifique se afastar das pessoas que ama. E, ao mesmo tempo, a história de Ícaro e Hermínia revela o conflito entre o que é seguro e o que é desejado, entre a rotina e a paixão avassaladora. É uma dança delicada entre o amor e a dor, um passo em falso que pode levar à felicidade ou à destruição.

Portanto, leitor, ao abrir este livro, prepare-se para sentir. Para se emocionar. Para ser desafiado a

confrontar seus próprios medos e anseios. Aqui, você encontrará não apenas personagens, mas reflexos de si mesmo; um convite à vulnerabilidade e à autodescoberta. Através de cada parágrafo, você será guiado por uma narrativa rica e visceral, que não se contenta com a superficialidade, mas mergulha nas profundezas da experiência humana.

Esta é uma obra que clama por atenção, que implora por ser vivida e sentida. Não é apenas um relato de vidas entrelaçadas, mas uma sinfonia de emoções que ecoam em seu interior, uma provocação que o levará a questionar suas próprias crenças e a reexaminar suas próprias relações. "Hermínia" não é apenas uma leitura; é uma experiência transformadora.

Prepare-se para perder-se nas páginas, para permitir que os sentimentos que surgem do papel penetrem em sua própria existência. O amor é um campo de batalha, e você é o soldado; cada escolha é uma arma, cada palavra uma bala. O que você fará com isso? Que tipo de amor você escolherá viver? Ao final, a resposta será sua, mas a jornada — ah, a jornada será compartilhada.

Venha, então, e mergulhe nas profundezas de "Hermínia". Que esta obra o toque, o transforme e o faça amar de uma maneira que você nunca imaginou ser possível.

Estudo Crítico sobre "Hermínia"

Por Alufa Licuta, Psicólogo e Poeta

Na confluência entre arte e psicologia, a literatura emerge como um espelho da alma humana, permitindo uma exploração íntima e profunda de nossas emoções e conflitos. A obra "Hermínia", de Evan do Carmo, exemplifica essa capacidade da literatura de sondar o espírito, oferecendo ao leitor um mergulho poético nas camadas mais intricadas do amor, da sexualidade e das relações humanas. O romance nos convida a questionar as motivações de seus personagens e, por consequência, as nossas próprias, de modo a repensar a maneira como lidamos com as conexões interpessoais e a busca por sentido.

Ao pensar sobre "Hermínia", é inevitável traçar paralelos com "A Insustentável Leveza do Ser", de Milan Kundera, uma obra que igualmente desbrava os dilemas existenciais e afetivos do ser humano. Ambas as narrativas operam na dualidade que define a vida — o peso e a leveza das escolhas, o amor como experiência sublime e ao mesmo tempo devastadora. Enquanto Kundera disseca o amor como um jogo de poder e vulnerabilidade, "Hermínia" tece um triângulo amoroso que é, antes de tudo, uma exploração das profundezas

emocionais dos protagonistas Ícaro, Hermínia e Clara.

O romance de Evan do Carmo revela-se uma trama onde cada personagem carrega consigo a bagagem das experiências passadas, dos traumas não resolvidos, e o anseio por preencher as lacunas emocionais deixadas pelo tempo. A relação entre eles não se resume a meros desejos físicos, mas a um espaço de autodescoberta e confronto com os medos e as fragilidades mais íntimas. Esse processo, conduzido por uma prosa lírica e delicada, ecoa com força nas vivências do leitor, gerando um diálogo silencioso entre texto e experiência pessoal.

A Dualidade do Ser e a Busca pelo Sentido

Em "A Insustentável Leveza do Ser", Kundera questiona a noção de liberdade através da escolha, entrelaçando filosofia com narrativa para expor a insustentabilidade da leveza e o fardo do peso das decisões. De forma análoga, Evan do Carmo utiliza a poesia para navegar pelos dilemas emocionais de seus personagens. O texto flui com uma sensibilidade que transforma os dilemas cotidianos de Ícaro, Hermínia e Clara em questões universais, permitindo ao leitor observar a si mesmo nas páginas.

A construção do triângulo amoroso em "Hermínia" não é apenas um retrato de desejo, mas uma exploração complexa dos sentimentos e das lutas

internas que definem cada personagem. Ícaro representa o ideal de quem busca o equilíbrio entre o desejo e a segurança, Hermínia encarna o amor ardente e instável, enquanto Clara é o ponto de interseção entre a entrega e o medo de perder a autonomia. Essas dinâmicas geram uma tensão não apenas entre os personagens, mas no próprio leitor, que se vê envolvido em questões sobre a autenticidade e os limites do amor.

A Narrativa como Ferramenta de Autoconhecimento

A força de "Hermínia" está, em grande parte, na habilidade do autor de criar uma atmosfera intimista e envolvente, que nos aproxima das complexidades emocionais dos protagonistas. Através de diálogos profundos, ricos em subtexto, e descrições sensoriais que transportam o leitor para os cenários internos e externos, o romance nos oferece uma visão penetrante da psique de seus personagens.

Sem jamais ser simplista, a obra propõe um estudo profundo da natureza humana. Ao mergulharmos no universo de Ícaro, Hermínia e Clara, somos levados a confrontar as verdades cruas sobre a vulnerabilidade, o amor e o desejo. O autor evita o maniqueísmo, optando por apresentar personagens que estão longe de serem heróis ou vilões; são, antes, seres humanos lutando para encontrar

sentido em um mundo que frequentemente parece confuso e desordenado.

Sexualidade como Portal de Exploração Emocional

A forma como a sexualidade é tratada em "Hermínia" merece destaque. Evan do Carmo aborda o tema com uma sensibilidade rara, diferente do tom frequentemente cru e pragmático que encontramos em Kundera. Enquanto este último apresenta o sexo como uma forma de poder e, por vezes, alienação, "Hermínia" vê a sexualidade como uma extensão natural da busca por conexão. O erotismo, aqui, é uma expressão delicada da alma, e não um simples instrumento de prazer ou dominação.

Através dessa lente, o leitor é convidado a refletir sobre sua própria sexualidade, compreendendo-a como um componente intrínseco da identidade humana. As cenas de intimidade são carregadas de um lirismo que eleva o texto, fazendo com que o físico e o emocional se fundam de forma harmoniosa.

O Drama das Escolhas e o Impacto Emocional

Clara, talvez a personagem mais interessante do romance, encapsula a busca por autonomia e autoconhecimento. Ela se encontra no dilema entre a entrega ao amor e a preservação de sua

individualidade, uma luta interna que ecoa as questões de liberdade e compromisso tratadas por Kundera em suas obras. A jornada de Clara nos faz questionar até que ponto estamos dispostos a sacrificar partes de nós mesmos em nome do amor e o que ganhamos ou perdemos com isso.

Assim como Kundera, Evan do Carmo constrói um enredo onde a dor e o prazer se entrelaçam, onde o amor é ao mesmo tempo uma bênção e um fardo. As escolhas que cada personagem faz ressoam com uma intensidade palpável, obrigando o leitor a considerar as consequências de suas próprias decisões. A obra sugere que amar, em última análise, é um ato de coragem — um salto no desconhecido onde o risco de perda é sempre iminente, mas onde a possibilidade de encontrar algo verdadeiro também reside.

Conclusão: A Jornada Literária de "Hermínia"

O impacto emocional de "Hermínia" é inegável. Evan do Carmo, com sua escrita poética e sensível, consegue criar uma experiência literária que não apenas conta uma história, mas nos convida a refletir profundamente sobre nossas próprias vidas e relações. Ao abordar o amor como uma experiência multifacetada — ao mesmo tempo fonte de imenso prazer e de dor devastadora — o autor nos faz questionar nossas motivações, desejos e medos mais profundos.

Assim como em "A Insustentável Leveza do Ser", o leitor sai transformado de "Hermínia". Não apenas porque foi tocado por uma narrativa envolvente, mas porque foi levado a explorar as profundezas da alma humana. E é exatamente essa exploração que torna "Hermínia" uma obra essencial para qualquer pessoa que busca entender mais sobre si mesma e sobre as complexidades do amor e das relações humanas.

O Início

O Rio de Janeiro, iluminado pelo brilho da noite, sempre tinha algo a oferecer. Ícaro, apesar de sua aparente frieza e desapego, ainda encontrava refúgio na cidade que nunca dormia. Aos cinquenta e poucos anos, ele já havia passado por muitas coisas. Sua vaidade e ego o levaram a perder três mulheres importantes em sua vida. A última, Amanda, não havia morrido como ele às vezes preferia acreditar, mas fugira com outro homem, cansada de sua ausência e de seu amor egocêntrico.

Agora, ele tinha apenas o cão que ela deixara para trás, um animal que inicialmente ele sequer notara. O pet, um vira-lata de olhar triste, começou a fazer parte de sua rotina de maneira tão sutil quanto inevitável. Ícaro precisou aprender a cuidar dele, a dar atenção, a alimentar, e, eventualmente, a levá-lo ao veterinário. Foi assim que ele conheceu Hermínia.

Hermínia, com seus quarenta e poucos anos, era veterinária no Rio de Janeiro, uma mulher doce e

gentil, mas com uma força interior inegável. Ela o atendeu com o mesmo cuidado que dedicava a todos os seus pacientes de quatro patas, mas havia algo nos olhos dela que tocou Ícaro. Talvez fosse o fato de que, ao contrário de muitas outras pessoas, ela não olhava para ele com julgamentos, mas com uma compreensão que ele não conseguia entender de imediato.

O cão se tornou uma ponte entre os dois. Ícaro começou a aparecer mais frequentemente na clínica de Hermínia, sempre com a desculpa de que o animal precisava de algo novo. Ela, por sua vez, estava sempre pronta para escutar, sem perguntas invasivas, sem curiosidade excessiva. Apenas deixava a conversa fluir.

Até que, certa noite, Ícaro a convidou para sair. O convite era informal, quase como se ele estivesse testando as águas.

— Vamos dar uma volta? Conheço um lugar na Lapa que você pode gostar.

Hermínia aceitou com um sorriso tímido, curiosa para conhecer mais daquele homem que, aos poucos, se revelava mais do que apenas um cliente solitário.

A noite na Lapa era vibrante. Os arcos brancos contrastavam com as luzes amarelas que banhavam o bairro boêmio, e as ruas estavam cheias de gente,

música e alegria. Eles entraram em uma casa noturna onde o samba-jazz envolvia o ambiente. Ícaro escolheu uma mesa perto do palco, onde os sons suaves dos instrumentos enchiam o ar.

— Você vem aqui com frequência? — Hermínia perguntou, seu olhar vagando pelo salão.

Ícaro sorriu, um sorriso melancólico.

— Vinha, sim. Era meu refúgio, antes que as coisas desmoronassem. Hoje, nem tanto.

Ela o olhou com uma curiosidade contida.

— Desmoronaram como? — Hermínia perguntou com delicadeza, sentindo que havia algo mais profundo ali.

Ele deu de ombros, seus olhos fixos no copo à sua frente.

— Amanda me deixou. Não foi a primeira. Nem a segunda. Mas foi a última. Fugiu com outro homem, cansada de mim. Do meu egoísmo, da minha ausência. Acho que nunca estive verdadeiramente lá para ela… ou para nenhuma das outras.

Hermínia permaneceu em silêncio por um momento, deixando a confissão pairar no ar.

— E por que acha que isso aconteceu? — Ela perguntou, seu tom suave, mas direto.

Ícaro suspirou, bebendo um gole de sua bebida forte.

— Porque, por muito tempo, eu pensei que o mundo girava ao meu redor. Como Ícaro, quis voar alto demais, achando que podia tudo, que ninguém me tocaria. E quando vi, o sol já tinha derretido minhas asas, e eu estava sozinho.

Hermínia sorriu levemente, entendendo o peso das palavras dele. A banda começou a tocar uma nova música, mais lenta, e a noite ao redor deles parecia desacelerar.

— E o cão? — ela perguntou, mudando de assunto com sutileza, mas sem perder a conexão.

Ícaro riu, pela primeira vez com mais leveza.

— Ah, ele. Ironia do destino, não? Eu, que sempre fui tão ausente, agora me vejo cuidando de um cão. Ele me obriga a estar presente, a prestar atenção… Ele talvez seja o único que ainda tem algo a aprender comigo. Ou talvez seja o contrário.

Hermínia riu junto, um som leve que ecoou pelo ambiente.

— Talvez seja ele quem vai te salvar no final das contas, Ícaro.

Ele a olhou, a seriedade voltando por um instante.

— Ou talvez já tenha começado.

A noite continuou, com conversas suaves e risadas discretas. Hermínia, com sua doçura e sensatez, parecia ser o equilíbrio perfeito para o temperamento impulsivo e perdido de Ícaro. Ela não exigia nada dele, não esperava mudanças grandiosas, mas sua presença oferecia uma calma que Ícaro há muito havia perdido.

Enquanto caminhavam de volta pelas ruas da Lapa, as luzes da cidade brilhando ao fundo, ele percebeu algo novo. Ícaro, o homem que sempre olhara para o próprio umbigo, agora se via olhando para o futuro. E, de alguma forma, Hermínia fazia parte desse futuro.

O Peso do Passado

Os dias de Ícaro corriam de forma quase imperceptível, como uma maré lenta que não se dá conta do próprio movimento. Desde que o cão de Amanda, o Joca, se tornara parte de sua rotina, sua vida, que antes era uma sequência de momentos estéreis e frios, começara a se reorganizar de maneiras que ele não entendia completamente. Entre as visitas à clínica veterinária de Hermínia e os passeios solitários pelas ruas do Rio, algo dentro dele parecia estar mudando, embora ele ainda não soubesse nomear essa transformação.

Hermínia. Era o nome dela que agora surgia em sua mente com frequência. Aquela mulher simples, discreta e sempre atenta, havia cruzado seu caminho de forma quase casual, mas agora parecia estar se enraizando em sua vida. Não era uma relação feita de urgências, tampouco de grandes declarações, mas de uma convivência que começava a se tecer com delicadeza, com o cuidado de quem rega uma planta sem pressa.

Ícaro, contudo, carregava consigo um fardo pesado. As memórias de Amanda, assim como das outras

mulheres que passaram por sua vida, ainda o cercavam como sombras. Eram lembranças que, por muito tempo, ele preferira evitar, acreditando que o tempo as apagaria. Mas o tempo não apaga, apenas adia. E agora, com Hermínia ali, com sua calma e sua paciência, Ícaro se via confrontado com uma verdade que não poderia mais ignorar: o que ele carregava dentro de si não era apenas o peso de amores fracassados, mas o peso de uma vida não vivida por completo.

Numa tarde qualquer, sentado em uma das mesas de um café em Santa Teresa, Ícaro olhava o movimento da rua, absorto em pensamentos. À sua frente, uma xícara de café esfriava lentamente, esquecida como tantos outros detalhes de sua vida. Hermínia havia sugerido o lugar — uma esquina tranquila, longe da agitação da cidade — e ele aceitou, mais por curiosidade do que por desejo real de estar ali. Agora, sentado diante da mesa vazia à sua frente, Ícaro se perguntava como chegara até aquele ponto. E mais: para onde estava indo?

Hermínia chegou alguns minutos depois, pontual, mas sem a pressa que costumava caracterizar as outras pessoas que cruzavam a vida de Ícaro. Ela se sentou à sua frente, pedindo apenas um chá, e sorriu daquele jeito sereno que o desconcertava. Não era um sorriso que pedia algo em troca, nem uma tentativa de disfarçar a distância; era simplesmente o sorriso de quem sabe que o tempo é o grande artesão de tudo.

— Você parece distante hoje — ela comentou, depois de alguns minutos de silêncio.

Ícaro riu de leve, mais para si mesmo do que para ela.

— Talvez eu sempre tenha sido distante, Hermínia. É a minha forma de lidar com as coisas.

Ela o observou por alguns segundos, não com a curiosidade de quem espera uma resposta imediata, mas com a tranquilidade de quem aceita o mistério alheio.

— Eu te entendo — disse ela, sem muita ênfase. — Mas a distância, por mais segura que pareça, às vezes é uma forma de fuga, não é?

Ícaro recostou-se na cadeira, encarando-a com mais atenção. As palavras dela o atingiram de uma forma inesperada, não porque fossem inéditas, mas porque vinham de alguém que não parecia ter a pretensão de mudá-lo. Hermínia não o julgava, tampouco o pressionava, e, no entanto, suas palavras carregavam uma sabedoria que ele não podia ignorar.

— Você acha que eu estou fugindo? — ele perguntou, mais curioso do que defensivo.

— Acho que todos nós fugimos de algo — ela respondeu, com a mesma suavidade. — O importante é entender do que estamos fugindo. Às

vezes, a fuga é necessária para que possamos respirar. Outras vezes, é apenas medo de encarar o que está diante de nós.

O silêncio que se seguiu não foi desconfortável. Ícaro deixou que as palavras dela ecoassem em sua mente enquanto observava o movimento do café. Ele sabia que havia algo de verdade naquilo. Durante toda a sua vida, ele havia evitado confrontar o vazio que se instalara nele. Sempre havia uma desculpa, uma mulher, um projeto, algo que ocupasse o espaço daquilo que ele não queria enfrentar. Agora, com Hermínia ali, sem pressa, sem exigências, ele começava a perceber que a fuga não o levaria a lugar nenhum.

— Hermínia — ele começou, hesitando um pouco. — Eu perdi muita coisa. Perdi mulheres importantes, oportunidades... E, por muito tempo, culpei o mundo por isso. Mas agora... agora me pergunto se fui eu o responsável por deixar tudo escapar.

Ela não respondeu de imediato. Tomou um gole de seu chá e olhou para ele com aquela expressão tranquila, como se soubesse que a resposta não era o que importava.

— Às vezes, perder é a única forma de aprender a valorizar o que temos — ela disse, finalmente. — E, talvez, o fato de você estar se